

A ESCRITA COMO EXPURGO: O ESCRITOR PÓS-COLONIAL EM OS
NARRADORES DA SOBREVIVÊNCIA, DE NELSON SAÚTE

WRITING AS EXPURGATION: THE POST-COLONIAL WRITER IN OS
NARRADORES DA SOBREVIVÊNCIA, BY NELSON SAÚTE

Leandro Souza Borges Silva¹

RESUMO: Ao abordar elementos de cunho histórico e ficcional, esta proposta tem como objetivo analisar as fronteiras entre história e ficção no romance *Os narradores da sobrevivência* (2000), de Nelson Saúte. Assim, ao empreender metodologia de teor conceitual e bibliográfico, têm-se como aportes teóricos os postulados de Stuart Hall (2003), Boaventura Souza Santos (2010) e Edward Said (2011). Dessa forma, considera-se relevante conceber o fenômeno literário enquanto instância sócio-historicamente constituída, notabilizando os condicionantes extraliterários e contextuais que permeiam as complexas relações intersubjetivas entre os sujeitos no mundo.

Palavras-chave: espaço biográfico; pós-colonial; história e ficção.

ABSTRACT: While discussing historical and fictional elements, this proposal aims to analyze the boundaries between history and fiction in Nelson Saúte's novel *Os narradores da sobrevivência* (2000). Thus, when undertaking a methodology of conceptual and bibliographic content, there are, as theoretical contributions, the postulates of Stuart Hall (2003), Boaventura Souza Santos (2010) and Edward Said (2011). This way, it is considered relevant to conceive the literary phenomenon as a socio-historically constituted instance, highlighting the extraliterary and contextual conditions that permeate the complex intersubjective relations among the subjects in the world.

Keywords: biographical space; postcolonial; history and fiction.

Conceber o fenômeno literário enquanto manifestação sócio-historicamente constituída implica pensar as condições extraliterárias e contextuais que permeiam as relações entre os sujeitos no mundo. Dessas relações, o intrínseco contato entre literatura e história, bem como os liames entre ficção e realidade, aproximam e

¹ Mestrando, Universidade Estadual de Santa Cruz/BA.

cruzam suas próprias fronteiras, agregando artes e subjetividades. Sendo um campo propenso a frutíferas problematizações, os estudos literários adquirem caráter, muitas vezes, crítico-cultural e/ou crítico-político, haja vista as atuais e insurgentes demandas que, desde as crises de representação, vêm enunciando gradativamente perspectivas dissonantes em relação às grandes narrativas e centros de poder.

Por esse viés, sujeitos historicamente excluídos não somente encontram possibilidades de expressão, mas também criam formas de se legitimarem no seio social e político em que estão inseridos. Nesse cenário, a crítica pós-colonial, em sentido amplo, questiona e subverte as tradicionais hierarquias que subalternizam identidades fora do padrão europeu, branco, heterossexual e androcêntrico. Privilegiando abordagens que protagonizam subjetividades à margem, a crítica pós-colonial, em largo sentido, “produz uma reescrita descentrada, diaspórica ou ‘global’ das grandes narrativas imperiais do passado, centradas na nação.” (HALL, 2003, p. 109, grifo do autor).

Tal perspectiva possibilita perceber, nas narrativas ficcionais, narradores pós-coloniais que desestabilizam epistemologias hegemônicas do saber, questionando o legado imperialista deixado pelos colonizadores, a exemplo da produção do escritor moçambicano Nelson Saúte, que concebe sua escrita enquanto expressão que enuncia sua nação e seus reveses sociais. Dessas expressões, *Os narradores da sobrevivência* (2000) pode ser concebido como um romance historicamente engajado, pois aborda a guerra civil moçambicana dos anos de 1980, ressaltando em intenso caos, miséria e violência. Nesse sentido, pretende-se focar o narrador pós-colonial, entendendo a escrita como expurgo e enquanto construção de corporeidade.

O romance contextualiza o fatural conflito civil com a ficcionalização das trajetórias de Xinguavilana e Marimbique, mãe e filho que, desencontrados, caminham em meio aos turbulentos embates bélicos da guerra. No enredo, enquanto procura seu filho desaparecido, Xinguavilana carrega consigo a memória de seus familiares,

parentes e conhecidos que, no entender da personagem, passaram para o outro lado, juntando-se aos seus antepassados. Enquanto é desacreditada pelos seus vizinhos, que afirmam a certeza na morte de seu filho, essa mãe revisita o passado e as antigas tradições como apoio para não perder as esperanças de encontra-lo.

Marimbique, soldado na guerra, está voltando para Maputo, capital de Moçambique e sua terra natal, na qual sua genitora o espera. Seu retorno poderia adquirir dimensões otimistas se não fosse o infortúnio desse jovem, já abalado pela guerra, estar escoltando um caminhão cheio de cadáveres: “O caminhão que Marimbique escoltava trazia a notícia mais dilacerante da guerra. Três dezenas de cadáveres: pernas, braços, intestinos, ventres, olhos, orelhas, pedaços de carne, corpos macerados. Pela primeira vez a guerra chegava à capital — marchava vagarosa com o caminhão que entra na cidade ao entardecer.” (SAÚTE, 2000, p. 15).

Nesse trecho, os dilaceramentos físicos provenientes da guerra são indícios de outras aflições emocionais e psicológicas que se instauram primeiramente em Marimbique e caminham para impactar a cidade de Maputo. Ainda, a trajetória desse soldado em direção à capital simboliza a aproximação da guerra em seu estado mais degradante, levando consigo seus mortos. Durante seu percurso, o filho de Xinguavilana se depara com Moçambique plenamente degradada, permeada por indivíduos que, quando não beiram a loucura, encontram-se em pleno estado de mutilação, inanição, fome e alienação.

O jovem soldado entra em conflito interno ao ver sua nação abalada, tendo de refugiar-se nas memórias passadas da infância para encontrar conforto perante a morbidez de sua responsabilidade: escoltar o caminhão que transporta cadáveres. A relação de Marimbique com a morte demonstra os efeitos causados pelas atrocidades do conflito civil, de modo que os abalos da violência lhe agravam a saúde mental. Nesse contexto, nota-se que uma nação desestabilizada é enquadrada em *Os narradores da sobrevivência* para focar sujeitos também desestabilizados,

preponderando no romance o lamento pelos anos obscuros que se seguiram após o estouro da guerra: “Nada poderia ser como naqueles meses que se seguiram, em que a cidade se deixaria apodrecer sem poder estancar as feridas dos sobreviventes a prazo que a ela acudiam. A cidade então cheiraria a carne putrefata. Carne de gente, carne humana” (SAÚTE, 2000, p. 55). Em outra passagem do romance, a descrição do caos é impactante:

A cidade haveria de cheirar a cadáveres apodrecidos. O cheiro exalaria forte da morgue. O cheiro viria forte do hospital onde os que lá estivessem agarrados à vida, não obstante, apodreceriam lenta e irrevogavelmente. Feridas incuradas. Feridas ao relento sem pensos, sem água oxigenada para desinfetar. Feridas entregues às moscas adejantes, moscas que delas se alimentariam no tempo da fome. Moscas mais felizes que os homens, provavelmente. (SAÚTE, 2000, p. 53).

Segundo Fatime Samb, as principais vítimas e deslocados eram, “principalmente, mulheres e crianças que tinham sofrido de fome e que estavam em estado lamentável.” (SAMB, 2016, p. 183). Ressalta-se, portanto, um narrador que põe em destaque situações de pleno declínio, abandono e degradação, vistos e apreendidos pelo olhar de um jovem que percebe o singelo imaginário infantil do seu lar destoar com a realidade presenciada em idade adulta. No romance há observações pessimistas e reflexões que remetem ao passado colonial: “Não sabia Marimbique o que significava a palavra etnia. Mais tarde aprendeu na dureza do quotidiano que os homens se dividiam por origens geográficas, por raças, por línguas ou etnias.” (SAÚTE, 2000, p. 41).

No que se refere ao discurso histórico que perpassa o discurso ficcional do romance, é relevante ressaltar breves fatos que dizem respeito a Moçambique que, após diversos conflitos contra os colonizadores europeus, obteve sua independência nacional em 1975. Graças aos empenhos de revolução armada da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), o país conquistou sua liberdade e se estabeleceu

enquanto estado-nação legitimamente concebido como independente. No entanto, José Luís de Oliveira Cabaço salienta que:

A independência, que marca o fim da “situação colonial”, não representa, de fato, a ruptura radical com a sociedade colonial. Em 26 de junho de 1975, permaneciam no país milhares de colonos, mantendo privilégios e detendo postos-chaves da economia e da administração, e continuavam, espalhados pelas províncias, dezenas de milhares de GEs, GEPs, milícias e policiais treinados e organizados pelo colonialismo. (CABAÇO, 2007, p. 426).

Nessa conjuntura, a euforia permeada de otimismo e esperanças após a conquista da independência finda com o estopim da guerra civil, período que é abordado no romance. Observa-se que a permanência dos colonos em posições de influência contribuiu, de alguma forma, para a continuidade desses grupos elitistas em alguns setores do poder, tentando retomar o domínio sobre a ex-colônia e preservar a posse colonial.

O conflito civil em Moçambique se inicia em 1977, dois anos após a independência. Dessa vez, a RENAMO (Resistência Nacional de Moçambique), apoiada pelos colonizadores remanescentes e outros segmentos conservadores, se opõe à FRELIMO, resultando na disputa pelo poder e nos consequentes atos de violência e destruição. O embate entre a FRELIMO e a RENAMO na guerra civil teve como consequência o derradeiro empobrecimento do país que, ao ser deixado à sua própria sorte pelos ex-colonizadores, teve sua economia agravada pelo conflito. Cabaço também ressalta que “a violência armada que varreu as áreas rurais eliminou praticamente a orgânica periférica do Estado [...] Em debandada pelo mato ou confinadas nos campos de refugiados, as comunidades e famílias camponesas dispersaram-se.” (CABAÇO, 2007, p. 429).

Em *Os narradores da sobrevivência*, são frequentes os períodos em que a fome e a penúria adquirem centralidade na narrativa, de modo que a figuração da miséria

sempre é remetida ao passado colonial e à desordem da guerra. Em entrevista concedida a Ramon Nunes Mello, Nelson Saúte relembra esse período:

Os anos 80 foram muito difíceis; período de quase bloqueio do país, faltava de tudo. Tínhamos a profissão de formar filas — acordávamos as quatro da manhã e íamos para a fila — para conseguir carne, pegar um pedaço de pão... Muitas vezes, quando chegávamos, a carne já estava esgotada e não havia o que comer. Nessa época, a profissão do padeiro era a mais generosa e importante do mundo, porque não havia pão. (MELLO, 2007, n.p).

O testemunho do autor corrobora para conceber o romance como construção ficcional que resgata discursos históricos para tecer uma expressão sócio-politicamente engajada por meio da arte narrativa. Ao abordar as postulações de Pierre Nora, isso implica compreender *Os narradores da sobrevivência* enquanto uma possível “[h]istória, profundidade de uma época arrancada de sua profundidade, romance verdadeiro de uma época sem [ser] romance verdadeiro” (NORA, 1993, p. 28). Entende-se, a partir disso, que ao pôr em evidência um período marcadamente histórico em sua ficção, Saúte corrobora para conceber seu romance enquanto obra notadamente aproximada de fatos verídicos, conforme ilustra o trecho a seguir:

Este camião que inexorável atravessa a Avenida Eduardo Mondlane vem acordar um país que dorme por sobre a ignomínia. Estes restos de gente são párias de si próprios. Já não pertencem a lugar nenhum. Os cidadãos há muito que se refugiaram na sua própria e imprópria miséria. [...] O camião vem devagar, mas traz em si toda a urgência. Os habitantes desta muralha chamada cidade têm que acordar. Lá fora, muito distante, mata-se e morre-se. (SAÚTE, 2000, p. 110).

Nessa passagem nota-se que, ao descrever o estado de abandono dos cidadãos, a narrativa prossegue enfatizando a chegada do caminhão em Maputo, fator que despertará os indivíduos para os horrores da guerra. Portanto, cabe salientar que a elaboração ficcional de fatos verídicos não deslegitima o romance, que também pode ser concebido como construção histórica, tendo em vista que História e Literatura são

diferentes formas de expressar um imaginário, tal qual afirma Sandra Jatahy Pesavento: “Estamos, pois, diante, de uma construção social da realidade, obra dos homens, representação que se dá a partir do real, que é recriado segundo uma cadeia de significados partilhados.” (PESAVENTO, 2003, p. 35).

Além disso, o testemunho do escritor, que é aspecto relevante para compreensão global de sua obra, permite focar Nelson Saúte enquanto criador de um narrador pós-colonial, haja vista que personagens como Xinguavilana e Marimbique atuam num espaço formalmente descolonial, num Moçambique legitimado como estado-nação, que, além do conflito civil, também apresenta os reveses herdados do período colonial. Nesse aspecto, Nelson Saúte escancara “os efeitos contraditórios do subdesenvolvimento [de modo a evidenciar] a persistência dos muitos efeitos de colonização.” (HALL, 2003, p. 110).

Ao compreender que Saúte configura um narrador específico, faz-se pertinente ressaltar a dimensão biográfica de seus escritos. Sua experiência durante o período da guerra, ao tomar forma em seu romance, evidencia tanto uma perspectiva coletiva acerca do conflito quanto individual, não podendo ser ignorada a intrínseca relação entre vivências e narrativas que, nesse caso, dimensiona o escritor como porta-voz das lembranças de um passado violento. Nascido no ano de 1967, em Maputo, Saúte tem a língua portuguesa como principal idioma, sendo testemunha dos recentes fatos históricos de seu país. O escritor presenciou a onda de otimismo e esperanças com o pós-independência, sendo abalado, juntamente com outros moçambicanos, pela eclosão da guerra civil:

A guerra civil destruiu uma parte importante da infraestrutura econômica e social, tendo afetado as comunicações dentro do país, o comércio rural, a saúde e a educação, causando vários processos migratórios do interior para Maputo, a capital. A propósito, convém salientar que a cidade de Maputo serviu para os deslocados da guerra. Isso explica, também, a presença do mosaico cultural nessa zona. Com efeito, entre as consequências dessa guerra pode-se constatar a mobilidade das populações, às vezes forçada. (SAMB, 2016, p. 183).

Enquanto cidadão maputense, Saúte problematiza esse conflito civil, de modo que sua obra comporta tanto a poesia quanto a prosa, por meio da qual se nota frequentes referências ao seu país e a sua condição como moçambicano. Jornalista e professor de Comunicação, é também mestre em Sociologia pela USP, atuando ativamente em discussões pertinentes à sua nação. Ao falar dos anos de 1980 em entrevistas e em seu livro, Saúte sempre se comove com as lembranças aterradoras de um “tempo em que experimentámos a miséria mais abjecta em termos materiais” (SAÚTE, 2000, p. 141), de modo que sua escrita é preponderantemente marcada por trechos de intensa morbidez, a qual caracterizou os anos do conflito.

Nesse sentido, entende-se aqui o narrador pós-colonial enquanto aquele que incorpora noções, reflexões, críticas e/ou lembranças que podem remeter ao passado colonial e o presente supostamente descolonial para protagonizar perspectivas suprimidas por forças imperialistas. Nessa direção, frequentes relações podem ser notadas entre elementos (auto)biográficos e ficcionais, possibilitando compreender *Os narradores da sobrevivência*, conforme aponta Leonel Arfuch, enquanto um “processo narrativo em que os seres humanos se imaginam a si mesmos — também enquanto leitores/receptores — como sujeitos de uma biografia, cultivada amorosamente através de certas “artes da memória”. (ARFUCH, 2010, p. 140-141). No Post-Scriptum do romance, por exemplo, Saúte enfatiza as lembranças do período:

Os anos dos suicídios dos jovens, da morte estúpida e brutal dos jovens. Quantos de nós não sobreviveram ao desespero? Hoje olho à volta e vejo que mais da metade dos miúdos dos meus tempos de escola no secundário foram engolidos pela voragem do tempo. Eu guardo a imagem do camião anunciando a guerra com os cadáveres no bojo da sua viagem. Eu guardo as imagens dos funerais intermináveis desfilando nas principais avenidas da capital [...] Eu guardo essas imagens lancinantes. Como guardo a memória das vozes. Das vozes que enchem as madrugadas das nossas vidas desencontradas. (SAÚTE, 2000, p. 142).

Pode-se conceber, dessa maneira, o romance de Saúte enquanto expressão de uma possível “arte da memória”, conforme ressalta Leonor Arfuch (2010), para compreender essa escrita que ficcionaliza a história com vias a subverter epistemologias hegemônicas, questionando a historiografia oficial. No que diz respeito ao escritor maputense, há um processo escritural que denuncia as atrocidades da guerra que, em seu romance, escancara a redução do “homem moçambicano à condição de coisa nenhuma”. (ARFUCH, 2010, p. 141).

No que diz respeito à literatura enquanto expressão de legitimação da memória (cf. NORA, 1993), pode-se notar no discurso ficcional a conjuntura sócio-histórica em que o narrador está inserido. Dessa maneira, ao textualizar seu contexto vivencial, são abordados no discurso romanesco nuances que podem se referir com frequência à “família, a linhagem, a cultura e/ou a nacionalidade” (ARFUCH, 2010, p. 141). No livro, a angustiante espera da mãe pelo filho, bem como as lembranças do soldado sobre as histórias contadas na casa dos avós, evidenciam a família enquanto grupo que une dois lados espacialmente separados.

Além disso, as lembranças de Xinguavilana dos antepassados mortos demonstram a linhagem e a relevância da ancestralidade, assim como a referência aos ritos salientam a cultura enquanto elemento que demarca o lócus não só das personagens, mas também de seu autor, que põe sua nacionalidade em foco para problematizar a identidade moçambicana ainda em construção no caos da guerra. A narração presente no romance, assim, expõe as contradições de um mundo que camufla o neocolonialismo para manter subalternizados os sujeitos dissidentes, conforme descreve Edward Said (2011):

Os escritores pós-imperiais do Terceiro Mundo, portanto, trazem dentro de si o passado — como cicatrizes de feridas humilhantes, como uma instigação a práticas diferentes, como visões potencialmente revistas do passado que tendem para um futuro pós-colonial, como experiências urgentemente reinterpretáveis e

revivíveis, em que o nativo outrora silencioso fala e age em território tomado do colonizador, como parte de um movimento geral de resistência. (SAID, 2011, p. 255).

Ao entender Saúte enquanto criador de um narrador pós-colonial e, reiterando-se aqui Said, como um escritor pós-imperial, *Os narradores da sobrevivência* pode ser concebido não apenas enquanto arte de uma memória, mas também enquanto construção que expõe as feridas — aqui entendidas como não-cicatrizadas — oriundas das desordens provenientes do conflito entre a FRELIMO e a RENAMO. Essas experiências reinterpretáveis e revivíveis, nesse sentido, são ficcionalizadas pelo escritor moçambicano para revisitar o passado e expurgar as perturbações interiores.

O movimento de resistência se efetua no romance, portanto, por meio da rememoração, de modo que a miséria, a fome, a morte, a violência e a corrupção são narrados de maneira a expressar infortúnios que muitos gostariam de esquecer. A denúncia da opressão, por exemplo, se demonstra clara na abordagem da Operação Tira-Camisa, procedimento autoritário em que os soldados importunavam os transeuntes com obrigações consideradas absurdas: “Os militares ficavam à porta dos cinemas e de outros lugares de concentração dos jovens e exigiam que estes exibissem os papéis. Pediam de preferência documentos impraticáveis” (SAÚTE, 2000, p. 50). O autoritarismo adquire significações profundas quando são expostas as mazelas causadas por ambas as partes envolvidas no conflito; alguns militares, por exemplo, “no delírio de sua ignorância, até exigiam que os incautos transeuntes sacassem dos bolsos certidões de óbito. Quem não os tivesse ia preso” (SAÚTE, 2000, p. 50). Esse trecho, portanto, evidencia a continuidade da opressão e, possivelmente, a permanência de influências colonialistas. Acerca disso, Marçal de Menezes Paredes afirma: “O fato é que a luta anticolonial não termina com a proclamação de independência de Moçambique, em 25 de junho de 1975. Após a transição política oficial, há todo um longo e intenso processo de reconversão de expectativas no qual a

construção de novas práticas sociais deveria justamente refletir a ascensão da almejada soberania.” (PAREDES, 2014, p. 154).

A narrativa de Saúte, nesse contexto, corrobora para a luta anticolonial, tendo em vista que, mesmo no pós-independência, houve permanência de práticas colonizadoras em Moçambique. Dessa maneira, explora-se as possibilidades de abordar o narrador pós-colonial enquanto aquele que, em perspectiva individual e coletiva, enuncia sua nação, legitimando-se ante as subjugações colonialistas para problematizar o “pós” do colonial, questionando a permanência de sistemas opressivos mesmo após a independência. Nessa direção, para além de se regozijar com a libertação política, esse narrador denuncia a permanência do colonialismo cultural, epistemológico e/ou econômico que atualmente se camufla sob orientações neoliberalistas e neoimperiais. Há um trecho que exemplifica a crítica do narrador à empreitada colonial: “O miliciano Marimbique abraçava a caminhão e olhava absorto para a tarde que se esfumava lenta mas inexorável. Não tinha sete anos quando a cidade foi invadida por um estranho entusiasmo dos seus novos habitantes, deslegitimando aqueles que nela pacatamente viviam, até então, a inglória colonial. Naqueles momentos todos os futuros eram possíveis.” (SAÚTE, 2000, p. 37).

Ao problematizar a inglória imperialista, o romance, nessa passagem, lamenta a deslegitimação dos nativos pelos colonizadores. Ao partir desse pressuposto, nota-se que aspectos da historiografia oficial são rasurados para, em consonância com atitudes subversivas, revisitar períodos históricos turbulentos sob a ótica dos oprimidos. Segundo Boaventura Souza Santos, o narrador pós-colonial, portanto, reconhece que “o colonialismo, mesmo muito depois de terminar como relação política, continua a impregnar alguns aspectos da cultura, dos padrões de racismo e de autoritarismo social e mesmo das visões dominantes das relações internacionais.” (SANTOS, 2010, p. 28).

Em seu romance, por exemplo, Saúte destaca o estado de pleno abandono da estrutura urbana que, além da degradação proveniente do conflito, foi deixada a sua própria sorte no pós-independência de Moçambique, com a debandada dos ex-colonizadores: “As esplêndidas moradias tinham sido deixadas ao abandono pelos antigos proprietários. Estes haviam sido apanhados desprevenidos na encruzilhada da História [...] distantes que estavam já dos invernos rigorosos da Europa.” (SAÚTE, 2000, p. 71). Os sentimentos sobre a permanência dos reveses mesmo pós-independência são expurgados pelo autor para acusar a continuidade das mazelas:

Aquela já não era a cidade que Marimbique deixara no fim da adolescência. Os prédios ameaçavam ruir de podre. Sua velhice precoce era inescandível. Por todos os lados havia furos de água suja. A rede de esgotos acolhia ratazanas. Os tubos de canalização enferrujavam secos. Bebia-se água insalubre, que subia a baldes nas escadas porcas e escorregadias por causa das latas com furos utilizadas para ir acartá-la. As mamas pilavam amendoim afanosamente nos andares dos prédios. Os pilares e as paredes denunciavam rachas de mau uso. (SAÚTE, 2000, p. 71).

O abandono dos antigos colonizadores soma-se à degradação da guerra civil para evidenciar o duplo legado da colonização, materializado no romance por meio das angustiantes trajetórias dos personagens em meio ao caos. Nesse sentido, Saúte desvela as incongruentes facetas de uma conjuntura pós-colonial, corporificando uma escrita engajada sócio-politicamente.

Por tais liames, a escrita pode ser concebida enquanto expurgo, processo por meio da qual o escritor expõe as mazelas, danos e consequências ocasionados por momentos de intenso abalo emocional. Na discussão aqui estabelecida se reconhece as delimitadas distinções presentes nas categorias de autor, escritor e/ou narrador. No entanto, também se reconhece as semelhanças categóricas dessas noções, entendendo-se que possuem pontos confluentes.

A partir dessas confluências — as quais não cabem ser discutidas na presente abordagem — defende-se que Nelson Saúte se configura um narrador pós-colonial que

compõe sua escrita como expurgo, ação de expressar e desafogar as memórias traumáticas da guerra civil moçambicana dos anos de 1980. Dessa maneira, a figura de Saúte torna-se relevante para compreendê-lo não apenas enquanto autor que expurga momentos de choque ocasionados pelo conflito, mas que reelabora experiências vividas, pois presenciou situações em que “os homens despojaram-se da sua humanidade e vestiram a bestialidade oculta na sua personalidade” (SAÚTE, 2000, p. 141).

Nessa direção, o escritor se expressa a respeito da guerra advogando sobre a necessidade de haver um certo exorcismo desse período conturbado na história dos moçambicanos. Em entrevista transcrita e publicada por Doris Wieser no Portal BUALA, Saúte se refere ao conflito iniciado em 1977 e afirma que “[a] sociedade foi violentada ao extremo, mas não teve um momento para refletir. Honestamente, não sei qual é o melhor caminho, mas eu teria preferido que esse luto do exorcismo tivesse sido feito” (WIESER, 2014, n.p). O autor endossa que Moçambique ainda não refletiu devidamente sobre a guerra, não lamentando apropriadamente seus mortos e suas perdas, pois o caos do conflito impediu que as vítimas fossem veladas, conforme ilustra a passagem: “Há anos que entretanto não se realizavam aquelas cerimônias de enterrar os pertences dos mortos. Roupas dos falecidos serve para os vivos. Numa altura destas, prenhe de crises, como desperdiçar os farrapos dos outros, mesmo depois de passarem para o outro lado da fronteira, lá onde habitam os sem-vida?” (SAÚTE, 2000, p. 26).

A ruptura com as cerimônias e com a tradição ocasionada pela guerra dificulta velar os falecidos da devida maneira. Assim, ao defender a necessidade de lamentar e exorcizar os abalos provenientes do conflito, Saúte compõe sua escrita enquanto exorcismo, como expurgo e efusão. Pode-se afirmar, nessa perspectiva, que, em *Os narradores da sobrevivência* há a tentativa de um sujeito — coletivo e pessoal — de exorcizar os demônios da guerra e de expor as cicatrizes de um passado humilhante

(cf. SAID, 2011). Por esses caminhos, a noção de *Escritas de si*, de Michel Foucault (2010), pode ser aqui também aplicada, ainda que em sentido alargado, entendendo-a como um processo de construção em que o sujeito, quando escreve para si, escreve também para o Outro, sendo este último pessoal e coletivo.

Ao abordar o gênero correspondência no seio das escritas de si, Foucault reitera a inerente interlocução que há entre sujeitos remetentes e destinatários, entre emissores e receptores. Saúte, nesse entender, escreve sua nação sob a ótica pessoal e coletiva, enunciando, também, seu interior, haja vista que “é a própria alma que há que constituir naquilo que se escreve; todavia, tal como um homem traz no rosto a semelhança natural com os seus antepassados, assim é bom que se possa aperceber naquilo que escreve a filiação dos pensamentos que ficaram gravados na sua alma.” (FOUCAULT, 2010, p. 144).

Efetuando-se uma correlação em sentido abrangente, compreende-se *Os narradores da sobrevivência* como fruto de uma escrita de si, em que o escritor compõe sua obra com base nos pensamentos que lhe ficaram registrados na alma, pois escrever a respeito da guerra é concebido como ato de expurgo e, parafraseando Saúte, como exorcismo, ato em que pensamentos e abalos impregnados na alma são desabafados (SAÚTE, 2010). Nesse sentido, por um lado, não se intenciona reduzir o romance ao campo (auto)biográfico, tendo em vista a dimensão coletivo-social inerente ao seu discurso. Por outro, no entanto, a dimensão íntima do autor, que se instaura nas páginas de sua obra, é passível de observação, uma vez que Nelson Saúte, além de sujeito historicamente constituído, também o é individualmente construído.

Ao se referir à sua obra, o escritor moçambicano ressalta: “A presença da morte no que escrevo vem das histórias sobre morte na casa da minha bisavó e também pelo fato de ter visto um caminhão cheio de cadáver nos anos 80” (MELLO, 2007, n.p). Não são forçosas, portanto, as correlações entre esse relato factual descrito por Nelson Saúte e a trajetória ficcional do personagem Marimbique, incumbido de escoltar um

caminhão cheio de cadáveres até a cidade de Maputo. Durante o percurso, o jovem soldado estabelece uma relação conflitante com aqueles corpos, tendo de lidar com a morte em sua pior faceta: “De onde são estes corpos que transportamos? Que língua falarão lá no lugar para onde vão? A que etnia pertencem? Serão eles ainda muito diferentes na sua condição única de mortos?” (SAÚTE, 2000, p. 41).

A relação entre vivências e narrativas efetua-se na escrita expressando tanto o *eu* individual quanto o *eu* comunitário, sendo a escrita o processo em meio a qual dilemas sociais, históricos, políticos e emocionais são postos em pauta, problematizados. Dessa maneira, ao afirmar que “nós não fizemos o exorcismo da guerra” (WIESER, 2014, n.p), Saúte refere-se a Moçambique e conclama a necessidade de expurgar os lamentos de um passado recente: “Estes são os anos oitenta. Os anos da nossa desgraça individual e colectiva, mas os anos que resgatamos hoje e quase choramos ao lembra-los porque em tudo em que eles representavam havia uma pureza que as minhas palavras não têm competência para nomear. E agora que os homens se vestem dos agasalhos da amnésia para atravessar as ruas, vale a pena recordá-los.” (SAÚTE, 2000, p. 144).

Recordar se estabelece como atitude que evita o apagamento das vítimas do conflito, sendo a escrita o suporte para preservar a memória coletiva e pessoal. Nesse contexto de expressão pessoal, Foucault, ao dissertar a respeito das escritas de si praticadas em contextos religiosos e clericais, endossa a percepção ascética acerca desse processo: “[...] a escrita constitui uma prova e como que uma pedra de toque: ao trazer à luz os movimentos do pensamento, dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo.” (FOUCAULT, 2010, p. 130). Por essas vias, compreende-se aqui as escritas de si em sentido amplo, de maneira a abordar a obra de Saúte enquanto fruto dos movimentos do pensamento, na qual são exorcizadas as sombras interiores ocasionadas pela guerra.

No romance, quando retorna, o jovem soldado se depara com realidades tecidas pela guerra, a exemplo dos moçambicanos que tiveram partes do corpo amputadas em meio ao conflito bélico: “o país esvaía-se cada vez mais e os seus habitantes, os seus homens, as suas mulheres, as suas crianças e seus velhos tornaram-se pessoas incompletas, estropiadas. Pessoas que viram seus membros estilhaçarem-se ao vento” (SAÚTE, 2000, p. 59). Além dos mutilados, a escrita de Saúte ressalta também a loucura surgida naqueles anos de insanidade, de modo que o jovem soldado se apercebia com frequência que as “[...] pessoas andavam nas ruas sussurrando palavras inaudíveis, gesticulando, suas caras estampavam expressões só possíveis nas peças tragicômicas.” (p. 72).

Além dos loucos, a narrativa prossegue ao expor que nem os cadáveres encontram a paz, a exemplo do coveiro que, acostumado com seu ofício, se impressiona com a aparência dos corpos abalados pelo conflito: “[...] tenho medo destes mortos. São caras de mulheres assustadas, de crianças que ainda gritam, de homens surpreendidos pelas baionetas, precocemente. Não são mortos vindos do sossego.” (SAÚTE, 2000, p. 87). Nesses trechos, nota-se que o narrador pós-colonial, no romance, corporifica a narrativa de descrições que denotam as tragédias vivenciadas. Dessa forma, propicia o expurgo de suas memórias, possibilitando afirmar que: “O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um ‘corpo’. E, este corpo, há que entendê-lo não como um corpo de doutrina, mas sim [...] como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida ‘em forças e em sangue.’” (FOUCAULT, 2010, p. 141).

Assim sendo, Nelson Saúte corporifica em sua escrita as feridas não cicatrizadas da guerra civil moçambicana de 1977, destacando personagens que tentam sobreviver em meio à ruína e à degradação. Sendo testemunha desse período, enquanto narrador pós-imperial, o autor incorpora na escrita de suas narrativas suas vivências

individuais e coletivas. É necessário ressaltar que, além disso, no romance, os pessimismos são perpassados por tênues fagulhas de esperança, ancoradas em referências ao legado dos antepassados e aos órfãos da nação, crianças que serão construtoras do futuro.

No decorrer da narrativa, esperanças e desesperanças encaminham-se para o desfecho das trajetórias de Xinguavilana e seu filho, personagens que encarnam sujeitos arruinados pelo conflito civil. Ao enfim retornar para Maputo, Marimbique e sua mãe cruzam seus caminhos, porém, se desencontram e não se reconhecem: “Contudo, ela jamais suspeitará que, naquele camião, atravessando a cidade, na direção Alto-Maé-Polana, viajara Marimbique, o filho que havia esperado aquele tempo todo”. (SAÚTE, 2000, p. 91). Nessa etapa da narrativa a confusão, a desordem e o caos são agravantes, causando estranhamento entre mãe e filho que, despersonalizados pela guerra, se desconhecem e rumam para outros caminhos. Ambos irão encontrar-se no final do romance, mortos e em seus respectivos funerais. Apesar disso, mãe e filho são enterrados como desconhecidos, pois os sujeitos presentes no funeral desconhecem o parentesco entre eles. Tal episódio final possibilita problematizações pertinentes acerca da guerra, que despersonaliza as identidades e destitui os sujeitos de seus laços e vínculos.

Nesse viés, advoga-se que o narrador pós-colonial articula história e ficção para mobilizar o imaginário individual/coletivo, evidenciando inerentes relações entre literatura e memória. Ao assumir posição engajada de maneira sócio-política em sua arte, Saúte corporifica sua narrativa de expressões que refletem o seu *eu* pessoal e comunitário, concebendo sua escrita enquanto expurgo, de modo que, conforme Luís Carlos Patraquim, “quando os mortos rondam a casa dos vivos e se postam diante das portas ou atormentam as raízes das árvores, a escrita é a hipótese de exorcismo. O moçambicano Nelson Saúte tenta o seu, neste romance.” (PATRAQUIM, 2001, n.p).

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas de subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

CABAÇO, José Luís de Oliveira. *Moçambique: Identidades, colonialismo e libertação*. Tese (Doutorado — Programa de Antropologia Social) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2007.

FOUCAULT, Michel. Escritas de Si. In FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade e política*. Organização e seleção de textos por Manoel Barros da Motta. Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MELLO, Ramon Nunes. *Nelson Saúte libertado pelas palavras*. 2007. Disponível em <<http://www.ramonnunesmello.com.br/index.php/outrasproducoes/jornalismo/entrevistas/339-nelson-saute-libertado-pelas-palavras-2007>>. Acesso em: 16 de março de 2018.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. Projeto História. São Paulo, 1993. In: *Les lieux de mémoire*. I La République Paris: Gallimard, 1984.

PAREDES, Marçal de Menezes. A construção da identidade nacional moçambicana no pós-independência: sua complexidade e alguns problemas de pesquisa. *Anos 90*. Porto Alegre: UFRGS, v. 21, n. 40, 2014, p. 131-161.

PATRAQUIM, Luís Carlos. *Os mortos do desassossego*. 2001. Disponível em <<https://www.publico.pt/2001/01/13/jornal/os-mortos-do-desassossego-153564>> Acesso em: 13 de abril de 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. *História da Educação*. Pelotas: UFRGS, v. 7, n. 14, 2003, p. 31-45.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAMB, Fatime. A mulher moçambicana e as práticas culturais. In MORAIS, Carolina Maíra Gomes; MATTOS, Regiane Augusto de; PEREIRA, Matheus Serva (orgs.). *Encontros com Moçambique*, Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

SANTOS, Boaventura Souza. Do pós-moderno ao pós-colonial e para além um do outro. In *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2010.

SAÚTE, Nelson. *Os narradores da sobrevivência*. Lisboa: Dom Quixote, 2000.

WIESER, Doris. *Nós não fizemos o exorcismo da guerra: entrevista a Nelson Saúte*. 2014. Disponível em <<http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/nos-nao-fizemos-o-exorcismo-da-guerra-entrevista-a-nelson-saute>> Acesso em: 20 de abril de 2018.

Recebido em: 01/12/2018

Aceito em: 20/03/2019